

Os valores-notícia da morte no jornal *Correio Braziliense*: quem merece ser notícia quando morre?

Fernanda Vasques Ferreira*
Rayna Fernandes de Oliveira**

Resumo

Neste artigo, dedicou-se à análise das notícias de morte publicadas no jornal Correio Braziliense, relacionando-as com as rotinas produtivas. O estudo da produção de notícias de morte no respectivo jornal está fundamentado no seguinte problema: quais são os critérios para que as mortes, como acontecimentos, tornem-se noticiáveis nesse jornal? Quem são os indivíduos que, ao morrerem, merecem destaque no jornal? Essas respostas podem ser encontradas nos bastidores das notícias, nos valores-notícia aplicados para selecionar o que é notícia do que não é. O objetivo com o estudo foi analisar, à luz das teorias do jornalismo, o processo de produção que leva à publicação das notícias de morte e qual o espaço dado a esses casos, sabendo que, em uma análise simplista, apresentam-se em duas instâncias: mortes que ganham destaque e mortes que não ganham destaque. O percurso metodológico compreendeu o material produzido pelo jornal Correio Braziliense durante duas semanas de setembro de 2013, à luz das teorias apresentadas por Mauro Wolf e dos estudos realizados por Nelson Traquina, que discutem as teorias da comunicação e do jornalismo, especificamente os estudos sobre newsmaking e critérios de noticiabilidade, que estão diretamente relacionados com os processos que dizem respeito à seleção das notícias, contribuindo para o agendamento ou não desses conteúdos (casos de morte). A hipótese inicial se sustentou no fato de que existem vítimas merecedoras e vítimas não merecedoras de serem noticiadas no jornal mais lido do Distrito Federal.

Palavras-chave: *Correio Braziliense. Notícias de morte. Valores-notícia. Critérios de noticiabilidade.*

* Doutoranda na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Docente no curso de Comunicação na Universidade Católica de Brasília (UCB).

** Graduada em Comunicação Social – Jornalismo – pela Universidade Católica de Brasília (UCB).

Introdução

É possível perceber a constante presença de notícias relacionadas à morte nos conteúdos dos meios de comunicação, seja em jornais impressos, seja em rádio, em televisão ou na internet. As notícias relativas à morte fazem parte da rotina da mídia, tendo em vista ser uma ocorrência comum – fazendo parte do ciclo natural da vida. Apesar disso, esse tipo de notícia pode acontecer em situações distintas e pode ou não se tornar noticiável.

Quais são os critérios para que as mortes, como acontecimentos, se tornem noticiáveis no jornal *Correio Braziliense*? Quem são os indivíduos que, ao morrerem, merecem destaque no jornal? O ponto de partida da análise é questionar por que as notícias são como são e como é feita a seleção dos casos de morte, o que faz um caso ser notícia e outro não, ou seja, entender quais critérios são levados em consideração na seleção das notícias. A avaliação abrange os processos que ocorrem dentro da redação, a fim de entender quais critérios são aplicados na escolha das notícias de morte.

O *corpus* da pesquisa é constituído por 15 edições do jornal. Além da análise de conteúdo (Bardin, 2008) como método de pesquisa, o artigo apresenta a observação real dos processos que ocorrem na redação, por meio da observação participante e da realização de entrevistas com o subeditor da editoria de cidades, Leonardo Meireles, que falou em nome da redação e com a repórter especial Thaís Cieglinski. As entrevistas ajudaram a entender algumas posições editoriais adotadas pelo veículo a respeito das notícias de morte e os critérios selecionados para a publicação ou não dessas notícias.

Valores-notícia: por que as notícias são como são

Os valores notícias são fundamentais na produção do conteúdo jornalístico. A teoria sobre esse assunto demonstra que eles são definidos por vários agentes e fatores: dos proprietários dos veículos, que definem a política editorial de acordo com sua visão ideológica e política; os jornalistas, que funcionam como promovedores das notícias e o público.

Importa, nesta pesquisa, entender como funciona a seleção das notícias de morte e como essa cadeia de agentes é capaz de influenciar nessa seleção. Os valores-notícia representam apenas um dos grupos dos critérios de noticiabilidade e fazem parte da cultura jornalística. Esses valores, certamente, são modificados de acordo com a cultura e o contexto social.

Dependendo do impacto que certas mortes causam pode-se quebrar a rotina da mídia. Essa quebra de rotina é visível quando ocorrem mortes de celebridades – é como se todos parassem para ver e acompanhar a “morte”. Nas últimas décadas, vimos isso acontecer, nas mortes dos famosos: Ayrton Senna, Amy Winehouse e Michael Jackson. No *Correio Braziliense*, não é diferente. Alguns casos podem atrasar o fechamento da edição para que a notícia entre no dia seguinte. Leonardo Meireles, subeditor da editoria de cidade, explica que, dependendo do caso, em decisão democrática, o jornal pode atrasar para que a notícia seja dada no dia seguinte.

Somos delimitados pelo tempo, acontece coisa muito tarde que não dá para mudar. Quando um caso acontece fora do tempo esperado, de forma que fuja do nosso controle, o caso é levado para a Editora-chefe. A partir daí, é analisado a gravidade do caso, e eles decidem se devemos ou não atrasar o fechamento do jornal para dar a notícia no jornal no dia seguinte. (MEIRELES, 2013)

Os casos considerados graves e importantes, segundo a linha do jornal, podem interferir no processo noticioso. O subeditor citou um caso que alterou a rotina – o assassinato da jovem Maria Cláudia Del’Isola (2004): “Lembro-me de que o caso chegou no domingo às 21 horas. Assim que chegou, levamos para o editor-chefe e juntos decidimos que iríamos atrasar o jornal para dar essa notícia.” (MEIRELES, 2013)

Notoriedade e proximidade cultural

A morte, objeto de estudo desta pesquisa, foi definida por Traquina (2005, v. 2, p. 79) como o primeiro valor-notícia. Desse modo, todas as matérias já possuem ao menos um valor-notícia: “Podemos dizer que todos nós seremos notícias pelo menos uma vez na vida – no dia seguinte à morte, ou nas páginas interiores ou com destaque da primeira página.”

Na mesma direção, Traquina (2005, v. 2, p. 79) definiu o segundo valor-notícia, a notoriedade, que diz respeito ao ator principal da notícia, à celebridade e à importância hierárquica do indivíduo. Essas são características que formam o valor de notoriedade. Ao conceitua-la, Traquina (2005, v. 2, p. 79) retoma o valor “morte” e define a notoriedade como pré-requisito para que a morte vá para as folhas de jornais: “Dependerá, em grande parte, da nossa notoriedade”. A notoriedade é um importante valor-notícia, pois trata-se de uma característica que vai

definir se o acontecimento será notícia e, mais que isso, a posição dessa notícia no jornal.

Na análise, percebeu-se que “notoriedade” é altamente presente no *Correio Braziliense* e é responsável por várias notícias. Das 25 matérias analisadas, esse valor esteve presente 11 vezes. Cinco dessas notícias foram chamadas de capa.

A morte de um dos fundadores do PT, Luiz Gushiken, esteve respectivamente presente nas edições n. 18.374 e n. 18.375. Na edição n. 18.374, a notícia teve chamada de capa e na edição do dia seguinte foi novamente noticiada. Gushiken é uma figura importante na política brasileira, portanto percebeu-se, ainda, a presença da proximidade cultural. Apesar de o político ser natural de São Paulo e sua morte e enterro ocorrerem fora de Brasília, o caso repercutiu no *Correio*. Ainda foi possível perceber uma identificação cultural, uma vez que a atividade política é enraizada na cultura brasiliense, fato que originou a comparecimento dos valores-notícia – notoriedade e proximidade cultural.

Nas mesmas edições, o jornal evidenciou a morte de Coracy Pinheiro¹, que também foi chamada de capa da edição n. 18.374 e reforçada do dia seguinte, com trechos de entrevistas e depoimento sobre a mulher considerada pioneira de Brasília. Apesar de não morar em Brasília, Coracy teve lá uma representatividade cultural e política. Essa representatividade se deveu ao fato de Coracy ter sido casada com o primeiro prefeito de Brasília, Israel Pinheiro.

As duas mortes têm aspectos idênticos e mostram de forma clara a posição do jornal em relação às mortes de celebridades e sujeitos hierarquicamente posicionados. As matérias apareceram em dois momentos – matéria sobre a morte e matéria sobre informações do enterro.

O falecimento, o enterro e o sepultamento desses personagens tornaram-se um evento midiático. Mouillad (1997, p. 360) explica que o futuro do grande morto é a glória do passado que ele não teve.

O grande morto só se torna grande homem após sua morte. A história corta fatia, divide; ser o comportamento da história é ser um de seus lados, do ‘lado ruim’, aquele pelo qual acontece o escândalo. O grande morto, quando estava vivo na história era uma parte do todo no qual a morte opera sua mudança. É apenas quando seus trabalhos estão acabados que os grandes mortos se tornam grandes homens. O reconhecimento da mídia assina o fechamento de um momento da história, o ponto simbólico em que a sociedade refaz seu consenso, não a

1 Coracy Uchôa Pinheiro foi a primeira dama da Brasília, mulher do pioneiro Israel Pinheiro, primeiro prefeito da Capital. Israel Pinheiro foi um político brasileiro, autoridade responsável pela construção da cidade de Brasília e seu primeiro administrador.

despeito dos conflitos, mas por causa destes. As grandes mortes são momentos de memória e de esquecimento em que a sociedade se esquece, rememorando-os.

O reforço dessas mortes foi facilmente percebido nos trechos das matérias em que o repórter e as fontes evidenciaram a representatividade dessas pessoas para a sociedade e para a cidade de Brasília. Na edição do dia 14 de setembro, em que a morte de Dona Coracy é notícia e é chamado de capa, o jornal buscou reforçar o papel e os feitos de Coracy. “Dona Coracy morre aos 107 anos: Mulher de Israel Pinheiro, primeiro prefeito de Brasília, Coracy Uchôa Pinheiro participou da construção da capital.” (CORREIO BRAZILIENSE, 2013)

Já na edição n. 18.370, publicada no dia 10 de setembro, um dia após a morte do baixista Luiz Carlos Leão Duarte Junior, o Champignon, o *Correio* publicou no caderno de diversão e arte uma matéria sobre a banda Charlie Brown Júnior, que já perdeu dois dos seus integrantes. A matéria foi intitulada “Quando uma banda morre”, e também teve chamada de capa. Ainda na mesma edição do jornal, foi publicada outra matéria, esta focada na morte do Champignon, e foi intitulada “A outra tragédia do Charlie Brown Jr.” Diferentemente da primeira, a segunda matéria foi publicada no “Caderno Brasil”. Mais uma vez foi possível identificar o valor notoriedade e o espaço que ele dispõe no jornal. Foram quatro mortes “notórias” e oito matérias.

A edição n. 18.370 também trouxe uma nota de falecimento de do italiano Alberto Bevilacqua. Alberto foi poeta, jornalista, cineasta e romancista. Uma figura notória no mundo inteiro, autor de várias obras, que lhe acrescentaram prêmios importantes.

Outro caso marcante foi publicado no *Correio Braziliense* foi o caso da menina Ana Lídia Braga², conhecido pela impunidade e barbárie.

Em setembro de 2013, o caso completou 40 anos e ganhou uma série de reportagens especiais produzida pela repórter especial Thaís Ciegliński. As reportagens foram publicadas, respectivamente, nos dias 11, 12, 13 e 14 de setembro. Ciegliński (2013), que produziu as reportagens sobre o crime disse: “As características bárbaras e a impunidade fazem com que ele não seja esquecido pelos meios de comunicação e pela sociedade.”

2 O caso Ana Lídia refere-se ao assassinato de Ana Lídia Braga, um crime acontecido no Brasil na década de 1970, em plena ditadura militar. A família de Ana Lídia morava na SQN 405, Bloco O, da Asa Norte em Brasília, no Distrito Federal. Ela tinha sete anos de idade quando a sequestraram do Colégio Madre Carmen Sallés, escola onde foi deixada pelos pais às 13h30 horas do dia 11 de setembro de 1973. A menina foi, posteriormente, torturada, estuprada e morta por asfixia, morte que, segundo os peritos que analisaram seu corpo, teria acontecido na madrugada do dia seguinte. Seu corpo foi encontrado por policiais, em um terreno da UnB, às 13 horas do dia 12 de setembro. Estava semienterrado em uma vala, próxima da qual havia marcas de pneus de moto e duas camisinhas, provas que com facilidade poderiam levar os investigadores até os culpados da atrocidade. A menina estava nua, com marcas de cigarro e com os cabelos mal cortados. (CASO..., 1973).

Só nesta análise foram detectadas quatro matérias, sendo que uma delas foi chamada de capa. Certamente, a notoriedade é um desses aspectos. Ana Lúcia Braga era de família de classe média, frequentava colégio particular tradicional e morava em área nobre de Brasília. Além disso, o caso envolveu outras pessoas hierarquicamente posicionadas. Os suspeitos do crime foram seu próprio irmão, Álvaro Braga, e alguns filhos de políticos e importantes membros da sociedade brasileira. Na época, o também futuro presidente da República Fernando Collor de Mello, estava entre os suspeitos, mas não houve confirmação ou evidências de sua participação.

O caso da menina Ana Lúcia Braga tornou-se um ícone na capital e na mídia, que depois de 40 anos dispõe de matérias nos jornais. Esse acontecimento é substancialmente composto por diversos valores-notícia, entre eles a notoriedade, pois envolveu pessoas importantes do cenário político brasileiro.

Percebeu-se, ainda, que a notoriedade e a proximidade cultural estiveram presentes, respectivamente, nas notícias em que o ator principal era notório e hierarquicamente importante. Esses valores aparecem juntos em 7 matérias das 25 que foram analisadas.

A proximidade cultural foi definida por Traquina (2005, v. 2) como uma vertente do valor proximidade, que, sem dúvida, é relevante, especificamente nos jornais regionais e nas editoriais de cidades.

Na edição n. 18.369, publicada em 9 de setembro de 2013, o *Correio* traz como notícia com chamada de capa a morte da nutricionista Rafaela Andrade Ramos, 26 anos, e sua filha, Clara, 2 anos, vítimas de um acidente de carro no Canadá. Apesar de a morte das vítimas ter acontecido no Canadá, territorialmente distante de Brasília, a notícia foi relevante pelo fato de a vítima ser brasileira. Nesse caso, constatou-se a presença da proximidade cultural. O fato aconteceu em outro país, distante geograficamente, mas de certa forma é pertinente, pois as vítimas eram brasileiras.

Juntamente com notoriedade, a proximidade cultural foi um dos grandes valores encontrados nas manchetes do *Correio*.

Proximidade geográfica

A proximidade das informações é outro ponto relatado por Traquina (2005, v.2): quanto mais próximo for o acontecimento do veículo de mídia, mais importância ele terá no meio de comunicação. Na análise, a proximidade geográfica foi constatada em 14 matérias das 25 observadas. Foi o valor-notícia que mais apareceu.

Na pesquisa, foram considerados acontecimentos próximos todos aqueles que aconteceram nas regiões administrativas, não sendo contabilizados os casos que ocorreram fora da capital ou nas proximidades e entorno do Distrito Federal (DF).

A região administrativa é denominada Brasília ou Plano Piloto. A área central da capital inclui diferentes bairros, entre eles o Asa Norte, bairro onde se constatou o maior número de casos noticiados. O bairro foi cena de três casos nas matérias, mas incidiu cinco vezes, dada a série de reportagens da menina Ana Lídia Braga, que morava no Asa Norte e também foi encontrada morta na Universidade de Brasília (UnB), que fica no Asa Norte.

Em segundo lugar no quesito de aparição do valor-notícia de proximidade geográfica, está o Guará, aparecendo três vezes. A Região Administrativa foi cena de dois crimes violentos, envolvendo moradores de rua. Em um dos crimes um morador de rua, identificado como Edivan Lima da Silva, foi queimado vivo por três jovens de classe média. Doze dias depois do ocorrido, o *Correio Braziliense* publicou outra matéria, com o título: “Encontrado morto no carrinho de compras”. Este último também estava em situação de rua.

Na edição n. 18.366 foi publicada a primeira matéria sobre o assassinato do morador de rua Edivan, que até então não tinha sido identificado. Já na edição n. 18.369 foi publicada outra matéria sobre a morte de Edivan, desta vez informando sobre a identificação do corpo. Apesar da proximidade territorial e da relevância, nenhuma das matérias obteve chamada de capa.

O Guará e o Asa Norte apareceram oito vezes. Outras Regiões Administrativas (RAs) também apareceram na pesquisa. Na pesquisa empírica, foram consideradas todas as regiões onde ocorreram os casos publicados.

A maior parte das matérias se encontrava na editoria de cidades, exceto aquelas identificadas com os valores-notícia de notoriedade e proximidade cultural, que, por sua vez, estavam espalhadas por diversas editorias – por exemplo, a morte do baixista Champignon, que foi escrita no “Caderno de Diversão e Arte”, pela identidade musical e cultural que a banda possuía.

Dentre os critérios de noticiabilidade propostos por Traquina (2005, v. 2), o fator mais presente nessas edições foi o da proximidade geográfica, identificado em 16 notícias.

Relevância

Em 12 dos textos analisados foi encontrado o critério de relevância. Alguns exemplos são: o caso da menina Ana Lídia Braga, a morte do

morador de rua Edivan (dada a grande incidência de crimes parecidos), a morte de mãe e filho no Canadá, a morte do baixista Champignon.

Traquina (2005, v. 2) descreveu que a relevância é um valor-notícia fundamental no meio jornalístico. Os casos citados possuem relevância, pois impactam diretamente na vida das pessoas, seja por possíveis consequências, seja por impacto emocional.

O caso da menina Ana Lídia Braga possui diversos valores-notícia, entre eles a relevância. Os aspectos e a forma de como ocorreu o crime traz reflexão para a sociedade. O tema abordado em torno do crime possui importância, visto que traz para debate público assuntos como impunidade (debate incansável no Brasil), segurança pública, crimes entre familiares.

Esses aspectos tornam um acontecimento suficientemente importante e relevante para ser tornar uma notícia. Meireles (2013) enfatiza que esse tipo de acontecimento sempre terá espaço na mídia:

O público tem interesse pelo mórbido. Mas é importante ressaltar que também trabalhamos com o interesse público, que é diferente do interesse do público. Quando se fala de uma morte violenta, você alerta a sociedade sobre possíveis cuidados, isso é interesse público e torna uma notícia relevante.

Na notícia sobre o assassinato do morador de rua Edivan, publicado nas edições n. 18.366 e n. 18.369, o valor se dá a partir do debate sobre os crimes violentos cometidos contra as pessoas em situação de rua, que tem ocorrido com uma frequência relativamente alta, tratando-se de um valor tão importante como a vida.

No texto sobre a morte do ex-baixista da banda Charlie Brow Júnior, além da identificação dos valores de notoriedade e proximidade cultural, foi identificada, também, a relevância. Chorão teria sido vítima de uma overdose de cocaína. Já a morte de Champignon é relevante por sua notoriedade na música e também traz para o público reflexões sobre a depressão e o uso excessivo de entorpecentes, que possui várias consequências.

Na análise, perceberam-se 15 notícias “relevantes”, no entanto só os acontecimentos com valores de notoriedade e relevância é que foram chamadas de capa, ou seja, aqueles que tinham como ator principal uma personalidade.

Alguns assuntos – por exemplo, crimes contra pessoas em situação de rua – possuem o valor-notícia de relevância, mas foram matérias pequenas e sem chamadas de capa, o que nos leva a considerar que a relevância não é o valor-notícia preponderante do jornal.

Infração e inesperado

Esse valor pode expressar-se pela infração, pela anormalidade, pela violência e pela falha. A infração foi registrada 14 vezes. Como o objeto de estudo é a morte, foi comum identificar esse valor-notícia, já que na maior parte das notícias as mortes foram causadas por terceiros, onde se registra um crime contra a vida – o homicídio.

O caso da menina Ana Lídia Braga também possui o valor de infração. O assassinato de Ana Lídia reuniu crimes como: sequestro, estupro, violência. Crimes que vão contra as leis, ocasionado uma infração.

Além desse caso, o *Correio* publicou duas notas (sem assinatura), registrando dois casos de homicídio: um na cidade de Luziânia e outro na cidade de Ceilândia. No caso de Ceilândia, foram atribuídos os valores-notícia proximidade geográfica e infração. Já para o crime que ocorreu em Luziânia (entorno do DF) apenas o valor-notícia infração. Os dois casos foram relatados no formato de nota, sem quaisquer elementos visuais e imagens. A nota foi descrita da seguinte maneira:

Policiais Civis (GO) investigam a morte de um adolescente de 17 anos, atingindo por três tiros durante uma festa na zona rural da cidade do entorno, na madrugada de sábado. Os agentes acreditam que o crime pode ter sido motivado por um acerto de contas. Testemunhas disseram que o rapaz estava recebendo ameaças e que um homem chegou ao local procurando por ele. Outras duas pessoas feridas na ação não correm o risco de morte.

Eles receberam atendimento no hospital de Luziânia e foram liberados. Segundo a PM, havia cerca de mil pessoas no evento, por volta das 4h30 de sábado. Um homem chegou ao local atirando e acertou as três vítimas. O rapaz de 17 anos chegou a ser socorrido, mas morreu a caminho do hospital. A festa religiosa e que eles estavam é conhecida como pouso da folia, muito comum nessa época do ano na região. Durante o dia, os participantes costumam preparar comidas e enfeites. Depois, as comemorações vão madrugada adentro. (CORREIO BRAZILIENSE, 2013)

Nesse caso, houve crime contra a vida, resultando a infração, a anormalidade e a violência. A constatação da anormalidade é perceptível a partir do momento em que algo acontece fora do padrão, que se diferencia, que se desvia da normalidade.

Também foi constatada a infração nas matérias dos assassinatos dos moradores de rua. A forma como aconteceu o crime desviou-se da normalidade. No primeiro caso, o morador de rua estava dormindo e, de

repente, se viu em chamas. Já o segundo foi encontrado morto dentro de um carrinho de compras. É uma situação fora da normalidade. Não é comum encontrar uma pessoa morta dentro de um carrinho de compras.

Seguindo para os critérios relativos ao produto, nada melhor para preencher a agenda midiática do que um fato inesperado. Por vezes a infração e o inesperado foram valores-notícia presentes nas mesmas matérias. Essa análise partiu do pressuposto de que a anormalidade e a infração, muitas vezes, é tão chocante quanto inesperado. Mais uma vez apresentou-se no caso da menina Ana Lídia Braga, o suspeito era o irmão (fato inesperado).

Na matéria “A outra tragédia do Charlie Brown Jr.”, publicada na edição n. 18.370 também se identificou o valor inesperado. O jovem músico de 35 anos de idade foi encontrado morto em seu apartamento em São Paulo. O caso era inesperado, ninguém esperava que um jovem ia se suicidar. Se acontece, vira notícia. Nesse caso, a notícia é importante pelo fato de envolver uma personalidade, ou seja, é uma figura notória.

Meireles (2013), subeditor do Correio, explica que o inesperado sempre será notícia. A exceção da morte é que faz a notícia. “São situações inesperadas. Uma criança, que está dentro de ônibus não é para morrer afogada³, se aconteceu vira notícia.”

O valor-notícia inesperado apareceu onze vezes nas matérias analisadas. Número que comprova que o esse valor-notícia na maioria das vezes será notícia. Mas, é necessário ressaltar que para ser notícia não se vale apenas do inesperado, em sua maioria, os acontecimentos possuem outros valores. Ou seja, não é qualquer inesperado que será notícia.

Notabilidade

A notabilidade, valor-notícia fundamental, assim definido por Traquina (2005, v. 2) foi o valor que menos apareceu nos textos. O valor foi percebido em apenas 03 das 25 analisadas.

Entre os registros de notabilidade apareceu a matéria nomeado por: “Tiroteio na capital”. O título faz alusão a cidade de Washington, capital dos Estados Unidos. Que mais uma vez foi palco de crime “notável” / “relevante” / inesperado na edição n. 18.377, e trouxe detalhes sobre o tiroteio na Sede do Comando de sistemas Marítimos, situada a 5 quilômetros da Casa Branca. O ex-militar Aron Alexis, chegou à instituição e iniciou um tiroteio que matou 12 pessoas. Em seguida, Aron foi executado pela polícia Americana.

3 Leonardo fez menção ao um acidente ocorrido seis dias antes da entrevista O caso foi notícia e capa no jornal. Uma menina de seis anos morreu afogada durante o forte temporal que atingiu Ceilândia, Região Administrativa do Distrito Federal, na noite de terça-feira. Segundo o Corpo de Bombeiros, o motorista de um ônibus escolar tentou passar com o veículo por um ponto de alagamento, quando o carro quebrou e foi tomado pela água. A polícia abriu inquérito para apurar o caso e indiciou o motorista do ônibus por homicídio culposo, quando não há intenção de matar.

Segundo Traquina (2005, v. 2), a notabilidade é a qualidade de o acontecimento ser visível, ser tangível e ser manifesto. A quantidade de pessoas seria uma forma de reconhecer a notabilidade, e por esse caminho na nossa análise foram selecionados alguns casos que registraram qualidades de um acontecimento notável. Nesse caso, da notícia das mortes em massa nos Estados Unidos, notou-se o valor-notícia de notabilidade primeiramente pela quantidade de pessoas mortas.

Percebe-se uma atenção maior para os casos notáveis, principalmente aqueles que envolvem maior número de pessoas. No caso do atirador americano, apesar da distância territorial, foi uma notícia notável no veículo e foi chamada de capa. De acordo com Leonardo Meireles (2013), é costume do jornal selecionar esses casos para noticiar: “Casos que envolvem muitas pessoas; casos que envolvem pessoas inocentes. Quando ocorre esse tipo de crime, a sociedade é exposta (cidadãos que pode morrer erradamente), a tendência é darmos a notícia”.

Conclusão

Algumas mortes têm espaço para ser notícia, outras são automaticamente excluídas por não possuírem características admitidas pela política editorial e os costumes (bem definidos) pelos próprios produtores de notícia – os jornalistas.

O valor mais presente foi a proximidade geográfica, tendo em vista que a maior parte das notícias de morte está localizada na editoria de cidade, que tende a divulgar notícias da comunidade voltadas para ações que beneficiam ou desfavorecem a sociedade. Assim, parte das notícias publicadas acontece no âmbito regional. A “proximidade” esteve presente em 56% dos textos analisados.

Em terceiro lugar e melhor delimitado, apareceu a “notoriedade”, presente em 44% dos textos. Percebeu-se que a “notoriedade” foi um valor determinante para a inclusão de notícias. Nessas notícias houve relativo destaque, enquadramento e formato específico. Por exemplo, de onze matérias observadas, oito foram chamadas de capa e dez possuíam recursos visuais – fotos e ilustrações.

A reincidência desses valores mostra a importância que eles possuem na seleção de fatos noticiosos no jornal *Correio Braziliense*. Sabe-se que esses não atuam isoladamente. Como definido pela literatura, quanto mais valor-notícia o acontecimento reunir, maior a oportunidade de ser reproduzido pelos meios de comunicação. Fato que foi constatado nas edições estudadas. O caso da menina Ana Lídia Braga é exemplo dessa rotina produtiva. Apesar de o crime ter acontecido há 40 anos, até hoje

é noticiado. Por meio deste estudo, foram identificados cinco valores-notícia: notoriedade, proximidade geográfica, infração, inesperado e relevância.

Nessa matéria, que foi reportagem especial durante o período selecionado para a pesquisa, foram noticiadas quatro matérias sobre o crime e, em uma das edições, a série de reportagens foi chamada de capa. Esses números comprovam que os valores-notícia fazem parte da rotina de escolha, seleção, produção e posição que as notícias terão no jornal.

A pesquisa mostra que as notícias do jornalismo de “morte” são vistas pelos produtores de notícias como uma série de informações com valores ou não, que podem ser notícias ou não, tudo dependendo da quantidade de valor-notícia e a noticiabilidade que o acontecimento reúne.

Essa seleção não é isolada, não depende somente do jornalista e dos valores-notícia que ele define como relevante. A política editorial da empresa também influencia diretamente no processo de seleção e produção dos acontecimentos.

Nesse cenário, compreendeu-se a dinâmica da construção das notícias. Essas construções dividem-se em dois critérios: acontecimentos com valor-notícia e acontecimentos sem valor-notícia. Essa escolha não vem definida, ao contrário, ela é estabelecida pelos jornalistas e pelos veículos.

Verificou-se pelo menos uma notícia atípica no jornal: morte de pessoas envolvidas com tráfico de drogas. Ou seja, essas mortes não possuem noticiabilidade para o *Correio*. Das 25 matérias analisadas, esse tipo de morte apareceu apenas duas vezes e foi apresentado em forma de nota. Dessa forma, torna-se menos visível e relevante para o leitor.

Constatou-se, em conversas informais, que o veículo tem uma linha editorial bem definida. O subeditor Leonardo explica como são vistos estes casos no jornal.

Na verdade é como se fosse alguns parâmetros. Não é fácil. No geral, noticiamos todas as mortes, de um jeito ou de outro. O tamanho, a forma, a edição é que diferencia uma da outra. Existem casos que possuem uma incidência menor no jornal: pessoas envolvidas com tráfico de drogas. São casos de senso comum. Em geral, é de conhecimento de todos que os indivíduos que se envolvem com drogas, vivem menos e estão expostos a morte violenta. Essas mortes são noticiadas em menor grau. São mais exploradas, quando envolvem muitas pessoas, ou envolve uma pessoa inocente. Quando esse tipo de crime expõe a sociedade (cidadãos que podem morrer erradamente), a tendência é darmos a notícia. (MEIRELES, 2013)

O estabelecimento desses padrões contribui para as concessões de espaços para algumas pessoas e a exclusão ou limitação de outras. Nesse contexto, buscou-se entender e saber quem são essas pessoas previamente excluídas dos noticiários.

Vale ressaltar a categorização que o historiador Carvalho (2002) utiliza. Ele definiu e delimitou quem são essas pessoas e o que eles são na sociedade, bem como conceituou esses “elementos” (jargão policial) como cidadãos de terceira classe.

Apesar da necessidade do debate público em torno desses casos e da condição social e moral desses cidadãos, tanto as instituições competentes quanto a mídia excluem essas pessoas e, automaticamente, o debate, que poderia ser uma solução para a redução de mortes causadas pelas drogas. Problema visível no Brasil que tira a vida de muitos jovens que se encaixam na terceira classe, definida por Carvalho (2002).

Percebeu-se que os valores-notícia estão presentes e constituem parte fundamental no processo produtivo, assim como existem aspectos que tornam as mortes menos importantes. Isso foi verificado nos casos das mortes dos cidadãos da terceira classe, especificamente os que são envolvidos com o uso de entorpecentes, que, na sua maioria, figura-se nas mortes conhecidas por “acerto de conta”.

Constatou-se, principalmente, o condicionamento mútuo dessas vertentes ligadas à produção de notícias. Esses valores não funcionam isoladamente, ao contrário, são estabelecidos pelo conjunto de elementos pertencentes e essa cadeia produtiva, que envolvem a teoria, os jornalistas, as empresas, a operação (muitas vezes atropelada pelo formato do fazer jornalístico – tempo). Assim, as prioridades e possibilidades são alimentadas pelo sistema de funcionamento de cada veículo.

O jornal *Correio Braziliense* é, desse modo, uma empresa de comunicação que também orienta seus profissionais a seguirem os valores propostos pela instituição. Na análise de conteúdo, notou-se que os destaques são bem definidos, com maior incidência de notícias que envolvem pessoas “notórias”. Estiveram presentes em 44% das matérias, em 11 textos e por cinco vezes estiveram na capa.

Perceberam-se resultados acerca de acontecimentos que não possuem características suficientemente capazes de serem reproduzidas. Nesse sentido, verificou-se que as mortes conhecidas como “acerto de contas” não têm valor-notícia no *Correio Braziliense*.

Foi possível constatar, ainda, quais os indivíduos que, ao morrerem, merecem ser notícia. De um lado, os indivíduos notórios e, na outra extremidade, os indivíduos relacionados na terceira classe, os “margina-

lizados”, que, sobretudo, também morrem “marginalizados”. Podemos dizer que todos nós seremos notícias pelo menos uma vez na vida – no dia seguinte à morte, ou nas páginas interiores, ou com destaque da primeira página. “Dependerá, em grande parte, da nossa notoriedade; a notoriedade do ator principal.” [...] (TRAQUINA, 2005, v. 2, p. 79)

Entendeu-se que os indivíduos hierarquicamente importantes e notáveis possuem características noticiáveis no jornal. Já os indivíduos pertencentes à terceira classe são excluídos. Esses indivíduos “anônimos”, portanto, não têm espaço no jornal e não são noticiáveis. E, assim, a mídia, especialmente o jornal pesquisado – *Correio Braziliense* –, desestimula o debate sobre essas mortes, que por sua vez são contínuas, tornando-se um problema social. Além disso, a prática de não divulgar essas mortes esconde ou ameniza a percepção que a sociedade tem da realidade. O jornal demonstra apenas parte da realidade, sobretudo a realidade dos indivíduos com valores-notícia adotados pelo veículo.

Ao identificar os valores-notícia usados nas matérias de morte das edições do jornal e as dificuldades que norteiam o trabalho jornalístico, esta pesquisa contribui para uma reflexão sobre os processos de produção e seleção de acontecimentos noticiáveis. Com isso, tem-se, mediante a análise das notícias de morte, a seleção e a exclusão de algumas classes e grupos de pessoas que não merecem destaque.

Os três campos principais de influência na definição do que é notícia – os valores-notícia (selecionados pelos jornalistas e pelo veículo), a rotina de produção jornalística (o tempo, os elementos industriais, a concorrência e os hábitos cujos jornalistas são condicionados) e, por último, às decisões editoriais – implicam diretamente no processo empírico de produção de notícias e na definição dos critérios de noticiabilidade. A construção de notícias, como processo previamente estabelecido, é o resultado das tensões e decisões entre esses campos.

The news-values of death in the newspaper Correio Braziliense: who deserves to be news when die?

Abstract

This article is devoted to the analysis of the death news published in the newspaper Correio Braziliense, relating them with the productive routines. The study of the production of death news in the respective newspaper is based in the following problem: which are the criteria so that the deaths, as events become newsworthy in this newspaper? Who are the individuals that, to the they die, deserve prominence in the newspaper? Those

answers can be found at the backstage of the news, in the news-values applied to select what is news of what is not. The objective with the study was to analyze, to the light of the theories of the journalism, the production process that takes to the publication of the death news and which the given space the those cases, knowing that, in a simplistic analysis, are presented in two instances: deaths that win prominence and deaths that don't win prominence. The methodological course understood the material produced by the newspaper *Correio Braziliense* during two weeks of September of 2013, to the light of the theories presented by Mauro Wolf and of the studies accomplished by Nelson Traquina, that discuss the theories of the communication and of the journalism, specifically the studies on newsmaking and criteria of newsworthiness, that are directly related with the processes that concern the selection of the news, contributing to the scheduling or not of those contents (cases of death). The initial hypothesis was sustained in the fact that there are victims who deserve and victims who do not deserve be news in the most read newspaper in the Federal District.

Keywords: *Correio Braziliense. News related to death. News-values. Criteria of newsworthiness*

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CASO Ana Lúcia. 1973. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Ana_L%C3%ADdia>. Acesso em: 10 out. 2013.
- CIEGLINSKI, Thaís. Entrevista com Thaís Ciegliniski. *Correio Braziliense*. Brasília, 12 out. 2013. Entrevista concedida à Rayna Fernandes Oliveira para a realização deste trabalho. Informação verbal.
- CORREIO Braziliense: 51 anos de força e liderança no Distrito Federal. *Diário dos Associados*. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/file/tabela_web.pdf>. Acesso em: 10 set. 2013.
- MEIRELES, Leonardo. Entrevista realizada com Leonardo Meireles. *Correio Braziliense*, Brasília, 12 out. 2013. Entrevista concedida à Rayna Fernandes Oliveira para a realização deste trabalho. Informação verbal.
- MOUILLAD, Maurice. As grandes mortes na mídia. In: PORTO, Sergio. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 360
- O CASO Maria Cláudia Del'Isola. *Memorial Angelical*. 2004. Disponível em: <http://angelical_memorial.br.tripod.com/id15.html>. Acesso em: 1º nov. 2013.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005. v. 2.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1995.

Enviado em 22 de julho de 2014.

Aceito em 1º de novembro de 2014.